

CEDI

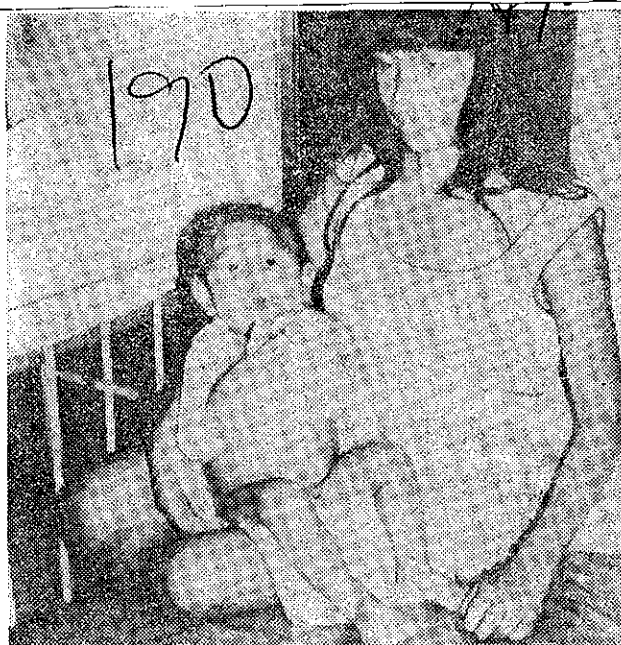
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: DIV Geral

Data: 10.06.81

Pg.: _____



Fotos Adão Nascimento — Telefotos Estado

Os casos mais graves são tratados na aldeia; os outros, na mata mesmo

Gripe se alastra e agora atinge quase todo o Parque do Xingu

ELIANA LUCENA
Enviada especial

O surto de gripe que atinge todas as tribos que vivem ao Norte do Parque do Xingu se alastrou, nos últimos dias, para outras aldeias do Sul do parque, castigando principalmente a população infantil da área. Apesar do grande número de pessoas doentes, só ocorreu mais uma morte, no domingo, de um recém-nascido da tribo txucarramãe. Ontem, quatro crianças em estado grave foram removidas para Brasília. A situação dos txucarramãe que mais preocupava os médicos —, pois toda a tribo acampou na roça, onde choveu no domingo — apresenta agora um quadro menos delicado, porque os índios concordaram em levar os casos mais graves para a aldeia, onde há uma infra-estrutura para o atendimento médico.

No local em que o surto de gripe foi mais grave, matando 15 índios das tribos sulá e calabi, a situação é de grande tensão depois que os indígenas acusaram dois médicos da Funai de terem sido negligentes. No sábado, eles exigiram a presença dos médicos no posto para que explicassem a razão de tantas mortes, mas o diretor da divisão de saúde da Fundação, Barros Lima, impediu o contato temendo uma reação violenta por parte dos índios.

O próprio Barros Lima foi ao encontro dos índios e ouviu os parentes dos mortos. Entre eles, Diauari, Marauê e Canico, da tribo calabi, e Cuilui, da tribo sulá, disseram-lhe que os médicos proibiram a remoção das crianças doentes para o posto Diauarum, afirmando que elas estavam bem, não sendo necessário que a enfermaria as atendesse. Os índios acrescentaram que, apesar da gravidade da situação, os médicos, chefiados pela doutora Deurides Ribeiro, permaneceram no posto Leonardo, distante 200 quilômetros do Diauarum, e visitaram a região atingida pelo surto apenas por poucas horas. Os índios acusaram ainda a equi-

pe médica de estar boicotando o trabalho desenvolvido pela Escola Paulista de Medicina no Xingu, impedindo inclusive que dois médicos de São Paulo prestassem assistência aos doentes. Segundo Marauê, que perdeu um filho de seis meses, a criança só foi removida para Brasília quando já estava quase morta. "Negligência houve — disse ele — porque os médicos diziam que meu filho não tinha nada. Nós aqui no Xingu sempre confiamos nos médicos, pois eles estudam para ajudar a gente, mas agora estou revoltado." Os índios afirmaram ainda que, enquanto os irmãos Cláudio e Orlando Vilas Boas estiveram no Parque, o atendimento médico sempre foi eficiente.

Na segunda-feira à tarde, a Funai enviou dois médicos da Escola Paulista de Medicina para ajudar os enfermeiros e chefes de postos do parque, sobrecarregados com o atendimento nas aldeias. Na aldeia cretira dos txucarramãe, 80% da tribo está doente e há 33 casos de pneumonia. No sábado a médica Deurides Ribeiro, que tinha retornado a Brasília, voltou ao parque, reassumindo suas funções no posto Leonardo, por causa do surto de gripe.

A Funai conseguiu, junto ao Exército, barracas de lona que serão utilizadas nas roças indígenas, caso apareçam novos casos de gripe, especialmente entre outro grupo txucarramãe que vive no rio Jarina e também está acampado na roça. O estoque de medicamentos enviados pelo órgão para a área está sendo encaminhado para todos os postos indígenas. A situação no Sul do parque, onde vivem as tribos camaiurá, calapao, laualapiti, uaurá e outras, preocupa menos, pois esses índios já estão em contato com o branco há mais de 30 anos, tendo adquirido uma imunização razoável contra doenças comuns, como gripe, sarampo e coqueluche. Já os do Norte, que tiveram um contato mais recente com o branco, enfrentaram há poucas semanas um forte surto de coqueluche que deixou bastante debili-

tadas as suas crianças. Essas mesmas crianças enfrentam agora o surto de gripe que atingiu quase a totalidade dos índios.

ESTRADA BR-080

Ao lado do problema na área de saúde, os funcionários da Funai no Xingu estão preocupados com a possibilidade de novos conflitos entre os txucarramães e peões e fazendeiros da região. No ano passado, esses índios atacaram uma fazenda situada próximo à BR-080, a Xavantina-Cachimbo, que cortou o parque do Xingu em 1971, matando 12 peões. Os índios querem anexar ao parque a área que perderam com a abertura da estrada, onde várias fazendas estão instaladas.

Os txucarramães vigiam com frequência toda a área, especialmente a fazenda que atacaram no ano passado, e mostram-se francamente hostis às pessoas que transitam pela rodovia, que agora, com o início da seca, apresenta um movimento crescente, especialmente de caminhões que transportam gado para as fazendas. Os índios estão impacientes e afirmam que a Funai prometeu retirar todos os fazendeiros até o final das chuvas. Na área pretendida pelos indígenas, envolvendo a margem direita do rio Xingu, existe uma outra fazenda já implantada, a Santa Fé. Os txucarramães querem isolar uma área de 15 quilômetros de extensão ao longo da BR-080, a partir do rio Xingu.

Para evitar um problema maior, a Funai instalou na estrada um posto de vigilância para controlar todo o tráfego. Cada veículo é identificado e acompanhado por soldados da Polícia Militar do Mato Grosso até a travessia do rio Xingu, que é feita em uma balsa. Os índios visitam com frequência o posto e ultimamente têm feito caçadas em toda a área; fato que preocupa a Fundação.

De acordo com o projeto em estudo pela Funai, a faixa reivindicada pelos índios não seria anexada oficialmente ao parque, mas transformada numa faixa de proteção administrada pelo IBDF ou pela Sema.